

Já vale tudo?

Dilemas éticos e suas representações midiáticas em tempos de paradigmas deslizantes

Ana Lucia Enne

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ENNE, AL. Já vale tudo? Dilemas éticos e suas representações midiáticas em tempos de paradigmas deslizantes. In: TRAVANCAS, I., and NOGUEIRA, SG., orgs. *Antropologia da comunicação de massa* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. Paradigmas da Comunicação collection, pp. 51-68. ISBN 978-85-7879-332-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Já vale tudo?

Dilemas éticos e suas representações midiáticas em tempos de paradigmas deslizantes

Ana Lucia Enne

Introdução

Em 2010/2011, o Canal Viva, mantido pela Rede Globo de Televisão com programação na maior parte constituída por produtos antigos desta emissora, reexibiu, no horário da madrugada, a telenovela “Vale Tudo”, de Gilberto Braga (em coautoria com Aguinaldo Silva e Leonor Bassères), veiculada originalmente em 1988/1989 no horário nobre das 20h.⁶ O sucesso da audiência levou a novela aos principais jornais e revistas, sendo também assunto diário nos comentários em diversas redes sociais, como o Twitter e o Facebook. Seu *plot* principal, segundo Gilberto Braga, era discutir “até que ponto valia ser honesto no Brasil”.⁷ A trama,

6 Confira: http://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_Tudo - Acesso em: maio 2012.

7 Idem.

girando então em torno de questões éticas e dramas familiares no Brasil da década de 80, chamou a atenção por sua atualidade e colocou em cena novamente personagens que fizeram história na tevê brasileira, como os vilões Odete Roitman, Marco Aurélio e Maria de Fátima (vividos respectivamente por Beatriz Segall, Reginaldo Faria e Glória Pires), os honestíssimos Raquel Acioly, Poliana, Tia Celina e Solange (interpretados por Regina Duarte, Pedro Paulo Rangel, Nathalia Timberg e Lidia Brondi) e os conflitantes Ivan Meireles e Heleninha Roitman (Antonio Fagundes e Renata Sorrah).

No entanto, chamou-nos a atenção, inclusive por adesão pessoal, a reação de muitos que acompanharam a novela na exibição original e novamente em 2011, revelando nas redes sociais seu espanto por estarem se identificando e mesmo torcendo pelos vilões antes execrados, ao mesmo tempo em que não se percebiam identificados com os até então heróis da história. Isso, de alguma forma, já havia acontecido na primeira exibição, mas de forma ainda branda. Na reexibição, este processo se adensou fortemente. Se o produto era o mesmo, o que poderia estar causando uma mudança tão acentuada na recepção daquelas mensagens, senão uma transformação no contexto social e cultural em que aqueles espectadores viviam em 1988 e em 2010?⁸ Essa expressiva alteração na leitura do público nos trouxe a inquietude que agora motiva este artigo. Diante de um deslizante contexto da pós-modernidade, como abordaremos no decorrer deste artigo, valores que no contexto original

8 Nossas observações são qualitativas e refletem, evidentemente, uma limitada compreensão da recepção da novela, não tendo, neste sentido, pretensões quantitativas, abrangentes ou totalizantes. São somente insights que gostaríamos de partilhar. Assim, reconhecemos que existem limitações em termos de perfil e abrangência em nossas referências. Agradeço as ponderações feitas acerca deste ponto nas discussões realizadas no GT Antropologia da Comunicação de Massa na ABA 2012.

da novela operavam como sentidos mais fixados e reconhecidos em termos de bom e mau comportamento, agora entravam em um terreno de relativismo e mesmo inversão.

No mesmo ano de 2010, estreava nos cinemas o filme norte-americano “A rede social” (“The social network”, dirigido por David Fincher), que conta a trajetória de Mark Zuckerberg (vivido no filme por Jesse Eisenberg), o proprietário da rede social Facebook.⁹ Baseado em fatos reais, a trama é recheada de situações em que o personagem central passa para trás, na fundação e consagração do site mundialmente popularizado, amigos e sócios. Estamos diante de um cenário de quebra de parâmetros éticos, em que mentiras, golpes e traições são comuns. Diante do mesmo, como se constroem as representações acerca dos personagens? Pretendemos, neste artigo, explorar como um produto construído já em um contexto de “modernidade líquida”, nos termos propostos por Z. Bauman (2000), ou de “corrosão do caráter”, como afirma Richard Sennett (1999), apresenta seus personagens e as questões éticas, estabelecendo um contraponto com a narrativa desenvolvida em “Vale Tudo”, no contexto dos anos 80. Acreditamos que as reações do público, acima descritas, funcionarão como um alinhave interessante para nossa reflexão.

Assim, como indicamos em nosso resumo, pretendemos, nesse artigo, abordar como os deslocamentos nas fronteiras referentes aos paradigmas éticos de uma perspectiva do tipo moderna para outra do tipo pós-moderna permitiram também um deslocamento nas representações midiáticas acerca dos valores éticos e suas implicações nas subjetividades e sociedades contemporâneas. Através da comparação proposta, pretendemos mapear como as representações midiáticas permitem compreender as práticas socioculturais nas quais se inserem e, para além disso, como formatos veiculados

9 Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Redde_Social - Acesso em: maio 2012.

na cultura de massa contribuem para a consolidação de determinadas visões de mundo acerca de temáticas deslizantes por excelência.

“Vale Tudo” e os “dilemas éticos da cultura brasileira”

No mesmo ano da veiculação da novela “Vale Tudo”, especificamente em 1988, Jurandir Freire Costa publicava *A ética e o espelho da cultura*, em que discutia, através de uma série de artigos, questões éticas da cultura brasileira no contexto dos anos 80. Pretendemos destacar aqui a parte 2 de sua “Introdução”, denominada justamente “Dilemas éticos da cultura brasileira”, título ao qual recorreremos também para indicar do que se trata esta parte de nosso artigo.

Para Jurandir Freire Costa, estaríamos, naquele momento histórico, frente a um “dilema ético”, em que “os princípios morais da cultura perdem a força que deveriam ter na direção das ações práticas” (1988, p.38). Era, portanto, na concepção de Freire Costa, um momento de crise, e como tal, algo ainda não resolvido, em transição, sem definição mais concreta. Assim, “existe uma “crise nos valores éticos” quando os indivíduos não mais se orientam pelos ideais de conduta moral aceitos e não sabem ou não conseguem propor novos ideais compatíveis com a tradição cultural” (id.).

Neste momento de transição, Freire Costa diagnostica duas hipóteses para explicar as causas de crise e, como consequência, as formas de resolvê-las. Partindo das observações *foucaultianas*, chama a primeira de “hipótese jurídica”. A partir dessa perspectiva, a ética (ou a moral):

É vista como um código de regras ideais de conduta. A crise é o conflito com o código, determinado pelo afastamento das condutas práticas do modelo ideal. O conceito central neste conflito

é o da transgressão (...). Pensamos que não agimos como seria bom agir porque uns transgridem as normas por cinismo e outros por ignorância (COSTA, 1988, p.39).

Neste sentido, há um incômodo pela sensação de falta: “falta de culpa; de vergonha; de decoro; de compromisso; de responsabilidade; de solidariedade; de sentido cívico; de sensibilidade política etc.” (1988, p.40) A solução, portanto, deveria necessariamente passar pela “restauração dos valores perdidos” (id)

Neste caminho, a busca pelos valores tradicionais seria sempre ameaçada pelo risco conservador, embora Jurandir Freire Costa (1988, p.41) nos lembre que “fazer valer a autoridade da tradição moral, ainda que pela força se for preciso, não aponta compulsoriamente para o conservadorismo”. No entanto, esse seria um risco sempre presente.

Por outro lado, existiam os que percebiam a crise dos valores éticos por um viés positivo, exatamente pelo seu potencial de contestação do sistema estabelecido. Jurandir Freire Costa se refere a esta visão como “hipótese produtiva”. Aqueles que a defendiam percebem-se não como infratores, mas como “criadores de condutas inovadoras positivas”. Nas palavras do autor, trata-se de conceituar os modos tradicionais de agir e pensar como “preceitos menores”, ou seja:

Princípios idealistas, fantasiosos, ineficientes, puritanos, franciscanos, repressivos, obsoletos, em suma, como conselhos edificantes, do “catecismo dos perdedores”. Não só os cínicos – cegos em relação a valores – e os miseráveis – analfabetos em relação a valores – opõem-se à tradição moral que conhecemos. Os homens “felizes”, “os vencedores”, como se costuma dizer, também. É

o advento da “consciência feliz” na “ideologia do bem-estar. (COSTA, 1988, p.42).

Tal “ideologia do bem-estar” se identificaria como valores “modernizadores”, que em nossa leitura já apontam para várias das características listadas por estudiosos da pós-modernidade, tais como:

Ser neo-liberal em economia; ser a favor da privatização de tudo que possa vir a dar lucro; cultivar a tecnologia da informática e dos multimídias; ser “liberado” em matéria de sexualidade; adotar o consumo ostentatório como estilo de vida; construir identidades pessoais pela filiação a grupos particularizados por marcas corporais, traços étnicos, convicções religiosas etc; tornar-se praticante e consumidor das inúmeras tecnologias de bem-estar físico-mental e, por fim, *fazer do sucesso na mídia sintoma de auto-realização e da linguagem da publicidade, meio intelectual privilegiado das discussões culturais* (COSTA, 1988, p.43, grifos do autor).

A partir destas observações, Freire Costa descreve essa ideologia como apolítica, particularista, determinista e autoritária. No entanto, atém-se mais detalhadamente no ponto que nos interessa para esse artigo: a construção da imagem do sucesso. Segundo ele, no ethos que descreve, “os indivíduos não cultuam mais nem virtudes públicas, nem privadas” (1988, p.45). E isso altera substancialmente o que concebe como “heroísmo”.

Na ideologia do bem-estar, o que conta não é a virtude, é o sucesso. A distância ética entre os dois é enorme. O sucesso é indiferente à virtude. Seu parâmetro é a visibilidade. Donde a simbiose com

a publicidade ou o “espaço publicitário”. O sucesso vive da publicidade e ambos dependem do mercado de objetos. (...) Não se pede mais que pense em qual é a melhor escolha para ele e para o outro, pede-se que calcule qual a melhor tática para ser “bem-sucedido”. (...) O sucesso tornou-se um meio “naturalizado” ou “socializado” de construção de identidade pessoal. A diluição do sujeito na moral do consumo e do mercado faz do sucesso uma das poucas condições de posse da admiração do outro. Admiração desejada porque significa acesso a um maior número de bens materiais e à distinção pelos signos do consumo ostentatório. (COSTA, 1988, p.45).

Voltemos agora à novela “Vale Tudo”. Há claramente, em seu enredo, a tematização dos dilemas éticos apontados por Jurandir Freire Costa. De um lado, estão os personagens “éticos”, que se pautam por valores tradicionais e por condutas que prezam valores como honestidade, honradez, solidariedade, amizade, fidelidade etc.; de outro, os personagens que estão mais diretamente ligados à descrição da “ideologia do bem-estar”, em que o sucesso (relacionado claramente à possibilidade de ascensão, de manutenção do poder econômico a qualquer preço, de fazer parte da elite econômica) é a meta e a justificativa para qualquer atitude moralmente condenável. São visões de mundo radicalmente opostas, simbolizadas em seus extremos pelos personagens éticos (em especial, Raquel Acioly) e pelos personagens para os quais “vale tudo” para conseguir seus objetivos (em especial, Odete Roitman e Maria de Fátima). Em meio a esses polos demarcados, encontramos um personagem ambíguo, Ivan Meireles, que oscila entre posturas éticas (e o amor de Raquel) e posturas antiéticas (com possibilidades de ascensão e sucesso na carreira e na vida econômica).

Quando exibida, em 1988, o repúdio à vilania, embora as performances dos atores fossem muito aplaudidas, foi claro. Raquel era a grande heroína nacional, a que vinha de uma situação difícil (perdeu a casa depois que sua traiçoeira e ambiciosa filha Maria de Fátima vendeu seu único bem para fugir para o Rio de Janeiro e ficar rica), tendo inclusive que vender sanduíches na praia para sobreviver, e que com trabalho honesto, amigos leais, pensamento positivo e “muita garra” (o que nos faz lembrar de *slogan* recente que visa a celebrar essa postura: “sou brasileiro e não desisto nunca”) se transformou em vencedora e proprietária de uma empresa de alimentos. Raquel simbolizava a ascensão pelo trabalho honesto, pela vida correta, generosa com amigos e empregados, sem nunca incorrer em falhas morais mesmo perdendo, com isso, seu amor e sendo desprezada pela própria filha. Por outro lado, Maria de Fátima, a filha ingrata, simbolizava o desejo de sucesso, poder e dinheiro, não importa a que preço. O Brasil de fins de 1980, em termos de opinião pública, não tinha dúvidas: a heroína era Raquel, a vilã Maria de Fátima. E Ivan oscilava entre os dois modelos de conduta, simbolizando no mundo ficcional os dilemas éticos mapeados no contexto sociocultural daquele período no texto de Jurandir Freire Costa.

Gostaríamos de nos focar, neste artigo, no capítulo final da novela. Em “Vale Tudo”, a grande vilã, Odete Roitman, já havia sido assassinada, mas não por suas maldades ou crimes, e sim por um acaso fatal (foi confundida com uma possível amante de Marco Aurélio e morta com tiros pela esposa Leila, vivida por Cássia Kiss). Não se tratava, no sentido moral, de uma punição. Os outros dois vilões, Marco Aurélio e Maria de Fátima, “se dão bem”. Em cena famosa, Marco Aurélio, com a esposa e o enteado, foge para o exterior de avião com o dinheiro que havia roubado da TCA, firma de aviação da família Roitman na qual era vice-presidente, dando

uma “banana” para o Brasil e para o público brasileiro. Maria de Fátima, por sua vez, depois de quase se arrepender de suas artimanhas que só rendiam insucessos, consegue se casar, em um arranjo com seu amante Cesar (Carlos Alberto Ricceli), com um príncipe da Lombardia, que, como descreve Tia Celina no último capítulo, entre espantada e admirada, é “de uma das melhores casas da Lombardia”, inclusive iniciando “carreira na política”. Assim, “vai ser um casamento grandioso, convidados do mundo inteiro, ampla cobertura na imprensa internacional”.¹⁰ Seu projeto de ascensão se consagrava: rica, iria para o exterior, viver na Europa, seu grande sonho. Ou seja, os vilões não são punidos.

Mas a última cena é dedicada à Raquel e ao seu amado Ivan. Acreditamos que as cenas finais têm um papel fundamental na performance discursiva, fechando os sentidos e conformando a moral pretendida, dentre de uma representação normativa. Ivan, depois de confessar ter praticado crime de suborno, passa dois anos na prisão. Na cena final, Ivan já saiu da prisão, um homem livre que pagou pelo seu crime, tendo encontrado Raquel à sua espera no portão do presídio. Apaixonados, felizes, livres para viver seu amor e uma vida tranquila, pautada pelos valores honestos e vitoriosos de Raquel, caminham despreocupados pelo calçadão festivo do Arpoador, cercados por brasileiros comuns, simples, vivendo de maneira correta sua vida, ao som de “isso aqui, ôô, é um pouquinho do Brasil, iaiá, um Brasil que canta e é feliz, feliz, feliz... é também um povo de uma raça que não tem medo de fumaça e não se entrega não”, tomando sorvete, abraçados, prontos para serem felizes no Brasil que se esperava construir dali para frente, a partir desses parâmetros éticos.¹¹ Os vilões ficam impunes, mas não lhes cabe seu país. Só lhes resta

10 Cf.<http://www.youtube.com/watch?v=pnFab5S1a3E> – Acesso em: maio 2012.

11 Idem.

partir. O Brasil, diz a mensagem final, é para os brasileiros éticos, corretos, honestos e trabalhadores.

“Já vale tudo?” ou “a corrosão do caráter”

Cerca de dez anos depois da exibição da novela e da publicação do livro de Jurandir Freire Costa, Richard Sennett lança *A corrosão do caráter*. Seguindo a linha que já vinha desenvolvendo em trabalhos anteriores, identifica que há uma perda da dimensão política solidária na sociedade contemporânea, o que irá se refletir em vários aspectos da vida social, como as relações de trabalho e as pessoais. Sobre essas, vamos nos debruçar aqui. Analisando a flexibilidade que irá marcar o capitalismo no período estudado, Sennett considera que:

“Talvez o aspecto da flexibilidade que mais confusão causa seja seu impacto sobre o caráter pessoal. Os antigos anglófonos, e na verdade escritores que remontam à antiguidade, não tinham dúvida sobre o significado de “caráter”: é o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros. Horácio escreve que o caráter de alguém depende de suas ligações com o mundo. (...) Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem.” (SENNETT, 1999, p.10).

Neste sentido, a definição se aproxima daquela dada por M. Pollak à identidade, em que essa teria um:

Sentido de imagem de si, para si e para os outros, isto é, uma imagem que uma pessoa adquire ao

longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p.204).

Ambas as definições apontam para o caráter construído dessa imagem pessoal que buscamos apresentar para os demais, como formas públicas de nosso *self*.

Para Sennett, a flexibilidade das sociedades atuais enfraqueceu o caráter, pois cessam as necessidades de uma apresentação mais coerente e continuada do *self*, de acordo com valores socialmente partilhados. Assim, ele afirma:

Como decidimos o que tem valor duradouro em nós numa sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa economia dedicada ao curto prazo? Como se podem manter lealdades e compromissos mútuos em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojatadas? (SENNETT, 1999, p.10-11).

Assim, a flexibilidade das relações cria a possibilidade do enfraquecimento do caráter enquanto princípio ético. Em suas palavras:

Esse é o problema do caráter no capitalismo moderno. Há história, mas não narrativa partilhada de dificuldade e, portanto tampouco destino partilhado. Nessas condições, o caráter se corrói; a pergunta “Quem precisa de mim?” Não tem resposta imediata (1999, p.175-176).

De forma semelhante, Z. Bauman (1998) lamenta a perda das referências coletivas e solidárias na modernidade líquida, em que as relações sociais se pautam pela fluidez e pelo desconforto com os parâmetros éticos modernos. Especialmente atravessadas pelo consumo, as relações sociais se tornam competitivas, discriminatórias, separatistas, não coletivizadas. Há um desejo permanente, diz Bauman, de se tornar “consumidor”, mas nem todos conseguem alcançá-lo. Isso cria, em sua concepção, sociedades divididas, vidas despedaçadas, indivíduos sem âncoras e preocupados com os signos do sucesso e do status.

Há no contexto pós-moderno descrito pelos dois autores, a consagração da “ideologia do bem-estar”. O sucesso, pessoal e financeiro, é a meta a ser alcançada a qualquer custo. E sua posse, não importa por qual via, é legitimada em termos gerais pela grande mídia e pelo senso comum. Neste sentido, o filme “Rede Social” é bastante ilustrativo.

Trata-se, como dissemos anteriormente, de uma narrativa acerca do processo de construção de um site de relacionamentos, que do âmbito interno de uma universidade norte-americana, se propaga como um fenômeno global, atingindo quase um bilhão de usuários em 2012¹². No entanto, os bastidores de criação do Facebook são recheados de traições e golpes de parte de seu proprietário, Mark Zuckerberg. Segundo o filme e diversas fontes, ele teria roubado a ideia dos gêmeos Cameron e Tyler Winklevoss e de seu parceiro Divya Narendra, que inclusive o processaram por isso, e depois teria lesado seu amigo e sócio, o brasileiro Eduardo Saverin, cujo apoio financeiro teria sido vital para a realização do projeto em seu início.

12 Cf. <http://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2012/05/14/mundo-tem-1-bilhao-de-usuarios-de-redes-sociais-diz-estudo/> - Acesso em: maio 2012

Zuckerberg é acusado em vários processos e condenado a pagar cerca de 100 milhões de dólares, a partir de acordos entre as partes. É, portanto, publicamente alguém cuja ascensão se dá por golpes e roubos. No entanto, é considerado uma bem-sucedida personalidade mundial, celebrado e valorizado por sua “criação”, mas principalmente por sua trajetória de sucesso, independentemente dos meios utilizados para alcançar tais fins. O slogan do filme é claro nesse sentido: “Você não consegue fazer 500 milhões de amigos sem fazer alguns inimigos”.¹³ Portanto, a consagração quantitativa requer algumas perdas qualitativas, e isso é parte do jogo pelo sucesso.

Na representação cinematográfica, Zuckerberg não demonstra expressivamente nenhuma manifestação de constrangimento ou culpa. É claramente um “esperto”, alguém que sabe usar as oportunidades para “se dar bem”, às custas de lealdade, amizade, fidelidade etc. Eduardo, o sócio brasileiro lesado, em um determinado momento lamenta que seu pai (e, de forma geral, o senso comum) o considere um idiota por ter sido passado para trás daquela forma. Neste sentido, há uma inversão considerável nas formas de representação encontradas em “Vale Tudo” em sua leitura original. O honesto passado para trás lamenta ser visto como um idiota; o “esperto” sem caráter é celebrado como vencedor.

Vamos nos focar, novamente, na cena final, agora do filme, para tentarmos perceber como se fecham, narrativamente, os sentidos propostos. Na sede do Facebook, sozinho em uma cadeira, Zuckerberg tenta adicionar a garota que tentou conquistar, tendo sido repudiado e chamado por ela de “babaca”, no Facebook. A cena mostra Zuckerberg, solitário, na cadeira, no escritório vazio, apertando continuamente a tecla de atualização do FB. Em tese, a

13 Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Redde_Social - Acesso em: maio 2012.

mensagem final é: o crime não compensa, o que ele rende é solidão. Frases soltas indicam o quanto ele teve que pagar para os gêmeos e o que aconteceu com Eduardo. E dados sobre o FB: “Facebook tem 500 milhões de usuários em 207 países. Está avaliado em 25 bilhões de dólares”. Mas eis que aparece a frase final. Apoteótica e taxativa, fechando com o rosto do ator em close: “Mark Zuckerberg é o mais jovem bilionário do mundo”.¹⁴ No plano afetivo, ser “babaca” pode até não compensar, mas quem se importa com isso? No plano econômico, medida do sucesso e da projeção da imagem, acesso ao mundo dos bens e provavelmente de mulheres, Zuckerberg é o mais bem sucedido de todos, o grande vitorioso, o que “se deu bem”.

Voltemos à “Vale Tudo”, agora em sua fase de reapresentação no canal Viva, em 2011. A reação do público estonteia: os antigos heróis e seus valores são chatos, ultrapassados, merecem sofrer. A hora é de celebrar os “espertos”, os que lutam “para se dar bem”, os que sabem o que querem e não medem esforços para conquistar o sucesso, o poder, o dinheiro. Maria de Fátima, tal qual Mark Zuckerberg, é a nova heroína. Na verdade, em capítulo visionário no decorrer da novela, Gilberto Braga já havia profetizado essa mudança. Em uma cena no apartamento de Cesar, Olavo (vivido por Paulo Reis), seu parceiro picareta nas armações, comenta que admira Maria de Fátima por sua coragem e talento. Ele diz que ela irá longe e que o Brasil ainda vai reconhecer Maria de Fátima por suas atitudes. E vaticina afirmando que Maria de Fátima é uma heroína pós-moderna.¹⁵

14 Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=8UhONY3-1os> – Acesso em: maio 2012, tradução livre.

15 Capítulo sem referência, assistido pela autora no decorrer da reapresentação no canal Viva.

Consideramos essa cena um marco do que tentamos argumentar nesse artigo. Há uma mudança expressiva nos modos de ver o mundo quando comparamos o cenário dos anos 1980 com o fim do século XX. Lá é possível perceber, como bem delimitou Jurandir Freire Costa, uma crise em andamento, um dilema ético entre valores tradicionais e novas formas de agir e pensar. No cenário mais recente, ao que parece, esse dilema já vem se resolvendo, com a paulatina consagração dos valores associados à “hipótese produtiva” e à “ideologia do bem-estar” que o autor descreveu.

Algumas observações finais

Tentamos mapear, neste artigo, como duas formas de ficcionalização, uma telenovela de 1988 e um filme de 2010, operam com representações complexas no que tange a questões éticas fundamentais. Assim, nosso trabalho permite, ainda que de forma não explorada em razão dos limites de tempo e espaço aqui destinados, uma abordagem acerca da relação entre a cultura de massa e o jogo representacional das condições sócio-históricas-culturais em que suas produções são criadas e exibidas. Sem operarmos com visões dicotômicas acerca do papel dos meios de comunicação de massa nas sociedades em que se inserem, entendemos que seus produtos tanto refletem como servem de modelo para formas de ver o mundo, em uma relação dialética. Assim, se “Vale Tudo”, nos anos 1980, traduz dilemas éticos que atravessam a sociedade naquele período, funciona também como diretriz comportamental, indicando via moral em sua cena final o que compensa de fato; da mesma forma, “A Rede Social”, ao mesmo tempo em que narra a trajetória deslizando em termos morais de seu personagem principal, consagra este estilo de vida associado ao sucesso financeiro através de sua cena final. Ambos, neste sentido, são performativos, são estratégias

linguísticas que não só representam, mas criam mundo, não só se inserem e dialogam com a realidade, mas a constroem socialmente no campo discursivo.

Mas a reação da plateia nos mostra que toda construção discursiva opera no contexto da interpretação e da recepção. Assim, é na reconfiguração que a pedagogia moral de um produto veiculado em um meio de comunicação de massa, como a televisão, pode se confirmar ou não. A normatização performatizada no final de “Vale Tudo” encontra eco em parte da recepção dos telespectadores dos anos 80, mas é renegada por parte da audiência que assiste à sua reexibição. Neste sentido, o tempo é condição fundamental para a narrativa se configurar e criar mundo, lembrando mais uma vez a teoria da tríplice mimese de Paul Ricoeur (1984).

Sem dúvida, é possível perceber como os jogos narrativos deslizaram, em termos representacionais, no que tange aos valores éticos consagrados na história moderna ocidental, quando comparamos os dois produtos. Neste sentido, as representações parecem ter acompanhado os deslizamentos da vida pós-moderna, em que os valores tendem a se apresentar mais flexíveis e impermanentes. Trata-se de um processo ainda aberto, em permanente desconstrução e reconfiguração, mas que de qualquer forma parece apontar para uma fragilidade cada vez maior dos valores mais tradicionais como norteadores da ação dos sujeitos na vida privada e pública, com a apologia de valores menos compromissados com a vida coletiva e com o outro, voltados mais especificamente para a vitória pessoal, cada vez mais associada à conquista do poder aquisitivo e do sucesso publicitário.

Jurandir Freire Costa e Richard Sennett, nossas referências principais neste artigo, parecem perceber, em dois momentos distintos (fins de 80 e fins de 90), esta tendência. E como estamos elegendo aqui cenas finais para pensarmos a “moral da história”,

também em suas falas finais, respectivamente em seu artigo (Costa) e em seu livro (Sennett), deixam perceber suas posições e visões de mundo acerca do que está se passando com os valores éticos neste processo histórico que descrevem. E, em nossa interpretação, o que os une é o tom de lamento e inquietação.

Assim, Jurandir Freire Costa indaga, em seu último parágrafo:

Abdicando da ideia de sujeito moral em favor de identidades parciais, construídas pelas regras do mercado de bens ou pelas marcas da realidade em nossos corpos, atravessamos uma fronteira sem conhecer o outro lado. Nada mais fácil do que gozar com a crueldade infligida ao outro. (...) Não se abandonam impunemente estas crenças. É preciso que o que entendemos por amor, amizade, solidariedade, fraternidade, generosidade e, inversamente, por crueldade, indiferença etc., nada mais signifiquem para que uma outra forma de vida possa tomar o lugar da atual. Se isto vier a acontecer, o mundo não será mais o mesmo. Muitos de nós não saberiam o que fazer de um mundo assim. Como viver num mundo assim? (COSTA, 1988, p.55).

Sennett considera que uma vida sem solidariedade gera uma impossibilidade em termos de contrato social, o que fadaria o regime que o sustenta ao fracasso, se referindo, especificamente, ao capitalismo. E profere: “sei que um regime que não oferece aos seres humanos motivos para ligarem uns para os outros não pode preservar sua legitimidade por muito tempo” (1999, p.176).

Entendemos as inquietações dos dois autores. E acreditamos que esse artigo é também uma forma de expressar as nossas.

Referências

BAUMAN, Z. Comunidade. **A busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

_____. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura, v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Jurandir Freire. **A ética e o espelho da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1994.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v.5, n. 10. Rio de Janeiro: FGV, 1992.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1984.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Rio de Janeiro: Record, 1999.